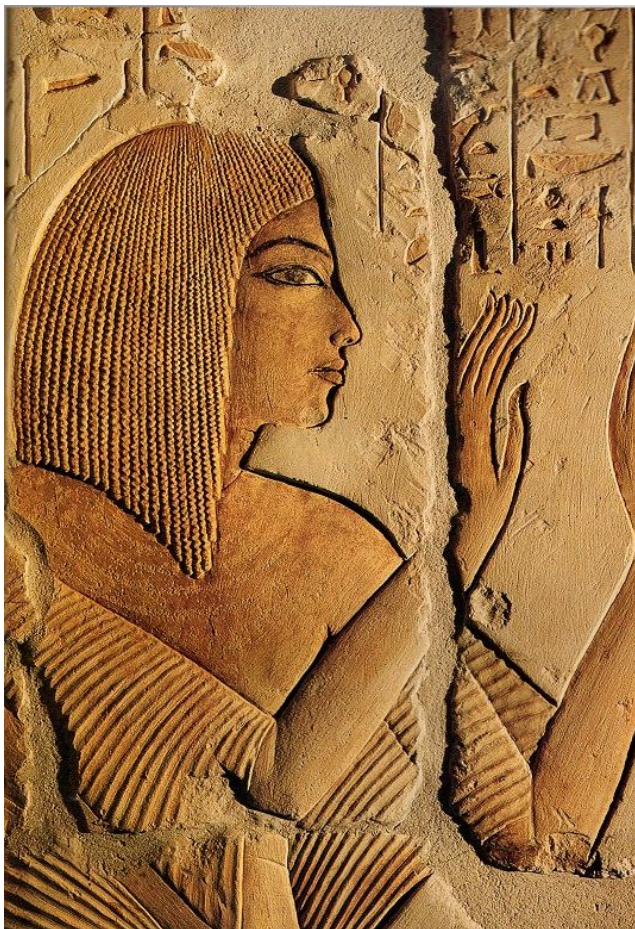


Escola monoteísta e profanação

*Jaime Magalhães Morais**

RESUMO: Versamos aqui sobre os motivos da perseguição movida aos hebreus no deserto quando ocorreu o Êxodo do Egito, pelas tropas do Faraó. Essa aparente quebra da palavra da maior autoridade egípcia escondeu uma profanação e tentativa de conquista religiosa que por sua vez atomizou os resultados da apropriação de riquezas, entendidas como propriedade do Estado que regulava a distribuição das ofertas aos deuses.



PALAVRAS CHAVE: Êxodo, egiptologia, profanação, difusão e resistência cultural.

ABSTRACT: Versamos here about the reasons for the persecution of the Jews in the desert occurred when the Exodus from Egypt, Pharaoh's troops. This apparent breakdown of the most authoritative Egyptian word hid a profanation of religion and attempted conquest which in turn results atomized ownership of wealth, understood as state property which regulated the distribution of offerings to the gods.

KEYWORDS: Exodus, Egyptology, profanity, diffusion and cultural resistance.

Imagem acima: Maya, supervisor do tesouro do faraó Tutankhamon, in Revista National Geographic, nº 30, 10/2002 (foto: Kenneth Garrett).

Introdução

O Êxodo é um dos mais ricos fatos da história dos hebreus e um marco religioso de profunda reflexão para o monoteísmo. Um dos mais intrigantes momentos é a mudança repentina dos planos do faraó, já que a última das pragas abateu-se sobre a própria descendência, vitimando seu primogênito de morte o que não houve retaliação, e o povo de início liberado, passou a perseguido, o que teria forçado Moisés a usar a graça

* Professor da Rede Pública do Estado da Bahia, Licenciado em História com Pós Graduação Lato Sensu em Desenho, ênfase em Desenho, Registro e Memória, Núcleo de Desenho, UEMS. E-mail: jagamor@gmail.com

de Deus, resultando num fenômeno sobrenatural como forma de conter as tropas na travessia do Mar Vermelho. O que geraria mudanças nos planos do faraó, se suas ordens eram inquestionáveis e já havia aceitado o retorno dos hebreus a sua casa? Usando o livro que leva o mesmo nome¹ e a obra História das Sociedades² como referenciais teóricos e aplicando o método investigativo, tentaremos dar resposta a este enigma.

O Egito Antigo sempre foi palco de controvérsias e especulações entre religiosos, autoridades e uma febre para aventureiros que ao estabelecimento do Médio Império, tentaram se aproveitar das riquezas lacradas em cada um dos cofres cujas tumbas piramidais são o exemplo mais seguro de suas tentativas de apropriação. Os acádios que tentaram invadir o Império no período trouxeram consigo povos semitas a eles agregados, durante a migração que encontraram forte resistência e muitos acabaram sacrificados tanto pelas tropas egípcias como pelo clima fatídico do Saara. Nessa balada os filhos de Jacó negociaram a compra de produtos agrícolas e ao serem reconhecidos por José acabaram encontrando um aliado diplomático de relevância³.

A invasão do Médio Império pelos hicsos é mais um desses exemplos que acabou por colocar ao fim de um século e meio no poder, uma nova linhagem de faraós com a décima oitava dinastia, e dar início ao período do jugo hebreu no Egito, fundamentalmente devido ao retorno dos últimos ao poder, no esforço da luta empreendida pela manutenção do império. Como os hicsos toleraram a permanência dos hebreus e lhes permitiram continuar a fazer parte da nobreza, isso deve ter gerado desconfiança da nova linhagem do estado egípcio, saturado da inconstância dos seus súditos e da cobiça pelas riquezas entre os nobres. Temos que admitir que o estudo do período de permanência dos hebreus no território egípcio ainda não foi explorado devidamente o que acaba se refletindo em embaraços históricos consideráveis e estão intimamente ligados ao retorno à Canaã.

Aproximadamente quatro séculos depois de estabelecidos, os hebreus empreenderem a fuga do Egito, episódio que passou à História com a denominação de Êxodo, o qual é descrito num dos livros que compõem o Pentateuco e fazem parte das cinco primeiras escrituras do Antigo Testamento. Teriam esses migrado para o Egito, após um período de grandes dificuldades em Canaã para tentarem a sobrevivência sob a liderança de José, um dos filhos do patriarca Jacó que, após decifrar um sonho do Faraó tornou-se figura de destaque chegando a ocupar o cargo de vizir, comparável a vice rei dentro do império. Passadas as primeiras gerações tinham sido subjugados ao cativo para dar conta dos cultivos, obras de contenção das águas nas margens do Nilo e cidades para armazenamento da produção⁴.

Naquele período de dificuldades, crescia o número de hebreus no Egito, fato que assustou o faraó, ordenando que os recém nascidos do sexo masculino fossem jogados

¹ Bíblia de Jerusalém, Livro do Êxodo.

² AQUINO, Rubim Leão de. História das Sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1980.

³ Gênesis, Cap. 45, vers. 1-28.

⁴ Êxodo, capítulo 1, versículo 11.

ao rio Nilo, enquanto deveriam poupar as do sexo feminino, temendo uma possível luta contra seus exércitos. Mas, uma das mães inspirada na história do rei semita Sargão I que havia quando criança sido condenado ao mesmo sacrifício na Mesopotâmia, onde acabou conquistando a coroa unificando aquele império, calafetou um cesto de papiro com betume⁵ e pez, expondo-o ao banho diário de uma das princesas que em determinado momento do dia ia banhar-se nas águas do rio e alerta a sua reação, obteve êxito na tentativa de sensibilizá-la, levando-a a acolhê-lo entre os nobres no palácio do faraó.

Moisés (assim denominada a criança) cresceu e foi educado entre os nobres como se um deles fosse entre os egípcios. Na juventude, um episódio isolado, no qual teria presenciado um hebreu sendo maltratado por um encarregado fez que Moisés se revoltasse contra a conduta e subtraísse a vida do tal egípcio tornando-se odioso ao faraó, e obrigando-o a refugiar-se em território distante⁶. Foi sobretudo a partir dessa fuga, que Moisés se dedicou a reflexão no deserto e acabou por se tornar o líder na condução dos hebreus na volta para a Terra Prometida, não sem antes passar por rigorosas provas de sua crença firmada após longos anos privado da vida palaciana, onde teria se dado a revelação de Iahweh e a incumbência de conduzir os hebreus de volta ao seu território.

Temores egípcios e rastros

As dez pragas que se abateram sobre o Egito com cada uma delas sendo profetizadas por Moisés, finalmente acabaram por convencer o substituto no trono egípcio que seria melhor liberar os hebreus do cativeiro⁷. Importante seria observar a tolerância do monarca aos sinais de alerta que se repetiram a cada vez que se apresentava na corte, e em nenhuma delas o profeta foi acusado de lançar maldição contra a casa do Faraó. Nem mesmo quando seu primogênito foi ameaçado de perder a vida, caso não libertasse a casa de Israel. Concretizada esta ameaça, nem assim havia despertado a ira teocrática do soberano que finalmente capitulou ante o desejo dos hebreus partirem de volta a Canaã.

Ao longo do mesmo livro que relata esses fatos encontramos pistas relevantes que apontam para as questões teológicas e desvios de conduta do povo escolhido, tal qual o retorno da visita ao monte Sinai quando se impacientaram com a demora e pressionaram Aarão a construir um bezerro de ouro, irritando Moisés e levando-o a quebrar as primeiras tábuas com a lei estabelecida. Isso nos leva a refletir mais uma vez sobre o período que permaneceram no Egito, porque a última situação em que se encontravam era de cativeiro o que, portanto não lhes permitia acumulação de riquezas. Ao contrário, subtração dos bens, antes até de fazê-los escravos, salvo a espoliação dos

⁵ AQUINO, Rubim Leão de. História das Sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1980, p.113.

⁶ Êxodo, capítulo 2, versículo 11-15.

⁷ Idem, cap. 7-12.

egípcios assustados com os prejuízos causados pelas pragas, lhes entregando objetos de ouro e prata, mas não deve ter sido em quantidade relevante para a posterior finalidade⁸.

Indignado com a infidelidade do povo escolhido, teria Moisés convocado voluntários para condenar ao anátema os traidores, passados sumariamente ao fio da espada e encontrou acolhida nos da tribo de Levi que a partir deste fato receberam a investidura do sacerdócio. Mais uma vez somos levados a acreditar que a religião praticada no Egito havia influenciado de tal forma os hebreus ao longo de sua permanência, ao ponto de muitos se rebelarem com as novas práticas prescritas na lei ainda por publicar, porque não tinha sido lida para conhecimento da massa, hábito possivelmente corriqueiro nas determinações diárias do Faraó.

Da mesma forma, quando construíram a Arca da Aliança para transportar as segundas tábuas escritas por Moisés, usaram o metal precioso na confecção. Davi já pretendia construir o templo no período em que finalmente adentraram e se estabeleceram entre vizinhos cananeus, o que faz presumir que já dispunha dos materiais suficientes a sua construção, após um período de quarenta anos de peregrinação e guerras envolvendo gastos consideráveis e só efetivada no reinado de Salomão que acrescentou metais nobres de novas minas, exploradas com a submissão de outros povos e elevação dos impostos entre os súditos.

Quando os hebreus foram exilados na Babilônia, o templo foi destruído e grande parte das riquezas foi transladada pelos caldeus que não conseguiram um império duradouro, devido o assédio persa. Salientando que todos os vasos, indumentárias e apetrechos dos rituais judaicos também eram acrescentados das riquezas materiais encontradas nos metais. No retorno a Palestina os hebreus levaram suas relíquias sagradas, mas desde este período não se tem notícias da Arca da Aliança o que para muitos se constitui em mistério, mas os sacerdotes tiveram a permissão dos persas para reconstrução do templo⁹ usando o que lhes restou.

O legado científico recente

Durante as Cruzadas e por toda a Idade Média, a Palestina sempre foi alvo de especulações povoando o imaginário de aventureiros e mais recentemente com o retorno dos judeus ao antigo território, os países vizinhos tem lhes movido guerras constantes, atribuídas às questões religiosas e políticas. Também o Egito, após a Revolução Francesa é alvo constante de pesquisas, turismo e aventuras. As descobertas no campo arqueológico levaram os pesquisadores a certificar-se que os objetos sagrados, como a maioria dos pertences das figuras de destaque no Egito, eram colocados em seus túmulos para acompanhá-los na vida posterior à morte. E apesar das autoridades

⁸ Idem, cap. 12, vers. 35-36.

⁹ AQUINO, Rubim Leão de. História das Sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1980, p.135.

permanecerem vigilantes, as violações se sucederam, inclusive financiadas por outros Estados mais recentemente¹⁰.

Muito embora se argumente que na maioria das religiões os objetos pessoais acompanhavam os cadáveres, encontrados até entre as mais primitivas tribos, na verdade, devemos considerar a causa dos faraós tentarem esconder da população seus objetivos de enriquecimento já que o ouro deveria funcionar como moeda de troca devendo estar acessível ao monarca e seus funcionários de confiança. Com a produção e exploração da mão de obra camponesa e escrava no comércio com outros povos, esta rota de comércio ficava vulnerável aos salteadores do deserto, pois ao largo do Nilo se destacava a agricultura numa região desértica infestada da inveja dos reinos vizinhos que na tentativa de se apropriarem tornavam-se presa dos treinados exércitos egípcios, para compor a grande parte dos cativos.

A convivência com essa população mesclada de diversas etnias compondo a odiosa mão de obra explorada na agricultura e construção de diques de contenção das águas tornava os camponeses, rivais em potencial das autoridades estabelecidas e fomentadores de revoltas entre os escravos. Líderes de nomos poderiam se aproveitar da proximidade com os camponeses e arquitetar a queda do faraó, auxiliados com tropas de reinos vizinhos incomodados com a dominação, invejando o fausto da corte egípcia. Esta constante ameaça fez que o comércio no Antigo e Médio Império Egípcio fosse raro e uma exclusividade do faraó que tentando perpetuar sua hereditariedade no poder se aproveitava dos hábitos arraigados da população para sem lhes despertar suspeitas, utilizar-se da função tumular das pirâmides para esconder a riqueza dos olhos do povo que habitava a área ou fazia a travessia do território¹¹.

Justifica-se a dificuldade de descobrir a forma de entrar nas pirâmides feitas de material cuja rusticidade torna até inacessível a quem desconhece a chave de entrada, pela perpetração dos segredos que acessavam a riqueza e só poderiam estar disponíveis ao conhecimento dos nobres, devido à carência da manutenção do poder entre a casta. Se Moisés fazia parte desta casta, efetivamente fora instruído sobre a maneira correta de adentrar e percorrer os labirintos das pirâmides até o local onde se concentravam as riquezas na tumba do falecido, ou pelo menos o conhecimento lhe permitia que as dificuldades fossem atenuadas.

De mescla a choque cultural

Ora, se quando os hebreus foram acolhidos no Egito faziam parte da nobreza quando José desposou uma das mulheres da casa do faraó, significa isto que seguiu o ritual egípcio tendo seu corpo após a morte, sepultado em local onde normalmente as figuras de destaque na sociedade o faziam. Ou seja, em uma pirâmide. E seus restos mortais foram acompanhados de todos os pertences, fazendo reverência aos deuses

¹⁰ COUTO, Sérgio Pereira. Ladrões de túmulos e maldições no Egito, Revista História oculta, nº 05, Mythos Editora, p. 20-27.

¹¹ AQUINO, Rubim Leão de. História das Sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1980, p. 102-103.

egípcios. Havia, portanto sepulcros destinados a sua família, composta pelos irmãos com as respectivas esposas que foram reverenciadas pela religião egípcia o que incluía o embalsamamento e mumificação do corpo, a limpeza ordinária das partes internas e a subtração das partes sujeitas a rápida deterioração. Além disso, o Império garantia soldados montando guarda para impedir a violação dos túmulos.

Os meios pelos quais as diversas sociedades se utilizam da cultura para mascarar a manutenção das elites no poder nos conduzem a reflexão que uma violação de túmulo para apropriação de riqueza deveria corresponder a uma profanação na religião praticada no Egito e deveria ser punida com morte sumária do praticante além das maledicências prescritas nos hieróglifos internos de cada túmulo já denotar esta preocupação entre aqueles menos privilegiados. Não haveria surpresa, ao menos para alguns historiadores, se os *judeus berberie* do Mediterrâneo sul tivessem origem nesse período¹². É, sobretudo no Novo Império que evoluiu o comércio no Egito. Certamente os setores sociais mais carentes esboçavam manifestações de desagrado, com a política excludente que se refletia na profanação das sepulturas dos seus antepassados para subtração de riquezas consideradas pela religião como referenciais de sua identidade para as outras dimensões que dessem acesso à vida pós morte.

Assim, a riqueza se constituiria num passaporte a ser apresentado aos deuses e reparar as dívidas porventura contraídas em vida, cuja condição de submissão dessas camadas mais subalternas não tinha acesso sem a utilização de meios escusos. Se isto constituía em crime passivo de morte dentro da sociedade da época, devemos considerar exceções da divindade faraônica e os sacerdotes que dispunham de mecanismos ideológicos, econômicos e coibitivos para inibir reações de revolta. A constituição de uma sociedade autônoma sob o ponto de vista das carências as quais estava exposta a sociedade egípcia, levava as autoridades a concentrar esforços no incentivo a setores estratégicos a exemplo da escrita e arquitetura como forma de conter os ânimos exaltados da vizinhança assolada pelas condições climáticas do deserto, a clamar pelo acesso ao Nilo.

Nessas circunstâncias, se a muitas dessas populações o faraó apresentava-se como um opressor, a controlar, subtrair e repelir o acesso a melhores condições propiciadas pela agricultura e pecuária, a outras tantas se afigurava um líder capaz de enfrentar as situações mais adversas de vida, num ambiente hostil aos seres humanos e garantir a sobrevivência de grande parte deles, ainda que condicionados ao cativo, mas fugindo as intempéries do clima inóspito do Saara. Tal situação, também requeria além de pensadores que dessem conta de planejar novas intervenções na paisagem natural, técnicos capazes de por em prática os projetos, sem correr riscos de sabotagens, forjadas entre os descontentes. Daí, a importância dos sacerdotes formularem instrução tanto a escribas como artesãos e ideologicamente tentarem maior unidade, capaz de centralizar no faraó o comando político, econômico e religioso.

¹² FERRO, Marc. Os tabus da história, tradução Maria Angela Villela, Rio de Janeiro, Ediouro, 2003, Cap. 4, Os judeus: todos semitas?

Se a religião seria capaz de fazer o oprimido clamar por justiça, o faraó era capaz de calar suas queixas com a liberdade do culto, ainda que submetida a sua autoridade. Se economicamente insatisfeito, um cargo mais elevado sujeito à instrução dos sacerdotes. Se politicamente queixoso, o comando de um nomos; se inspirava mais confiança à frente de um exército, de uma unidade de produção, de uma frente de obra. Em todas elas o faraó se apresentava como figura inspiradora da justiça, da integridade, e fundamentalmente da fé de um povo. Povo que não poderia nem deveria estar dividido sob pena de estar em jogo sua credibilidade. Não deveria haver espaços para dissensões religiosas, sequer políticas como a divisão entre Alto e Baixo Egito.

Durante o Novo Império, Akhenaton que havia introduzido o culto ao deus Aton (o deus sol) entre os egípcios, como nova tese de manipulação das massas submetidas, possivelmente devido às populações nômades estarem expostas ao clima e incidência solar na travessia do deserto, se submeterem ao jugo egípcio para poupar a própria vida, encontrou resistências pela pouca difusão em locais mais afastados do centro do poder, enfrentando oposição de tradicionais sacerdotes¹³. No entanto, algum tempo depois parte desta nova prática religiosa foi acolhida por Moisés ao se mostrar simpático à idéia do monoteísmo apregoado pelo faraó, cuja corrente sacerdotal de apoio deveria ainda sofrer influências nessa época. No outro extremo, pode também ter-se refletido na resistência dos hebreus que retornavam com Moisés, recém adeptos do politeísmo, com a memória fresca de seus hábitos sedentários.

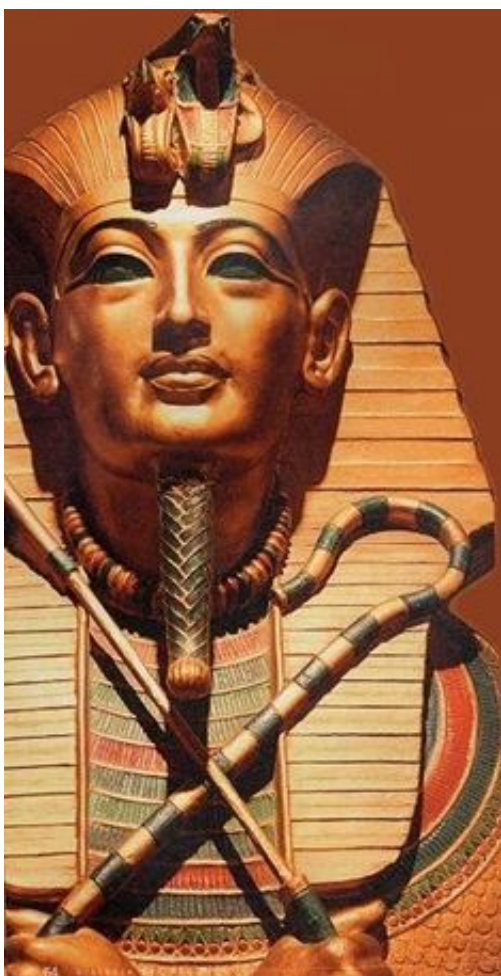
Portanto havia embates de correntes internas divergentes no modo de entender religião que se refletia também na condução política do soberano que volta e meia se deparava com uma relativa quantidade de cultos de camponeses a outros deuses, desconhecendo sua própria autoridade. A unificação religiosa era também uma das formas de manter o poder na medida em que os nomos se submetiam a apenas cultuar a divindade estabelecida pelo Estado ficando vulneráveis às revoltas dos praticantes de crenças distintas. Em quatro séculos de permanência dos hebreus no Egito, parcela deles vivendo entre os nobres, de alguma forma havia influenciado a elite a almejem transformar a religião predominantemente politeísta em uma conquista cumulativa de natureza pedagogicamente centralizada da sociedade em torno de um patriarca, afigurando-se que não poderiam desconsiderar a liderança simbólica que representava o faraó para aquela gente, visando como resultados dessa catequese a transcendência aos limites impostos pela corte sacerdotal aos rumos religiosos determinados pela monarquia que inicialmente se refletia sob a necessidade de adaptação às crenças desses povos.

Não devemos pura e simplesmente creditar aos hebreus as ambições de cunho especificamente religioso, a tentativa de mudança nas características do culto, mas ao fato dos hebreus em suas origens se dedicarem ao comércio, o que exigia destinação diversa aos metais preciosos, usados nos cerimoniais egípcios. Logicamente a troca de bens de valor monetário para garantir a sobrevivência, está intrinsecamente associada

¹³ WILLIAMS, A.R. Revista National Geographic, Morte no Nilo, ano 3, nº 30, outubro de 2002, p.69.

uma prática religiosa compatível, de modo a não ferir tal ética. Mas, o comércio não era comum ao Egito deste período, o que negligenciava as finalidades econômicas cobiçadas pelos semitas.

Como não havia difusão dessas idéias na base constitutiva das crenças populares e o soberano carecia do respaldo sacerdotal para efetivar tais mudanças, o caminho mais natural seria utilizarem-se da proximidade do poder fomentando uma escola que usasse como estratégia a divisão em etapas de aquisição do conhecimento entre os nobres. A primeira delas seria a formação, adesão e consolidação de lideranças cuja idéia central preconizasse o monoteísmo, devendo após alcançar este primeiro objetivo, evoluir na segunda etapa para a difusão de suas crenças entre os setores populares e finalmente na terceira etapa, estabelecerem o domínio religioso de Iahweh, o deus dos hebreus.



Esquerda: Toth, divindade egípcia que teria instruído Abraão com seu conhecimento místico, in Revista História das Religiões, ano 3, nº 04 (foto: Shutterstock)

Porém, no desenvolver do projeto, ao concluir a primeira etapa na qual a linha sacerdotal se apoiara fundamentalmente no culto ao deus Amon (o criador do universo), deve ter queimado a segunda, porque Amenófis IV tendo ao início de seu governo o apoio dos sábios hebreus como principal base religiosa de sustentação, angariou inimigos devido à resistência encontrada no culto de outras divindades, cujos sacerdotes perderam privilégios e aproveitando-se da pouca popularidade entre os menos afeitos ao monoteísmo, contando com a colaboração da influente esposa Nafertiti, suas crenças e ambições políticas que a aproximavam de outras correntes sacerdotais contrárias a política estabelecida pelo faraó, fomentaram o descrédito desses junto aos setores populares.

Muito embora no decorrer do governo cedesse aos caprichos do apoio da sua base sacerdotal estabelecendo o monoteísmo no Egito, possivelmente dando ouvido às intrigas palacianas, Amenófis desagradou os planos da corrente hebréia ao estabelecer o culto único ao deus Aton, mudando seu próprio nome para Akhenaton com intenção de obter certo respaldo junto à nobreza egípcia e retrocedendo os avanços anteriores. Dessa última reforma, o faraó Tutankhâmon que o sucedeu, acolheria de início as reivindicações da corrente hebreia no poder, e trilhando o caminho inverso do pai, faria o retorno de Amon como divindade predominante, na tentativa de agradar o setor sacerdotal hebreu. Porém, cedeu a pressões de correntes politeístas restabelecendo

outras divindades. O culto a Amon acendeu a ira dos opositores, levando-os à destruição de suas pretensões fazendo dos hebreus escravos, o que não afastaria esta escola religiosa, da sobrevivência clandestina que finalmente alcançaria os sacerdotes responsáveis pela formação de Moisés e a narrativa do retorno dos hebreus a Terra Prometida, cujas reminiscências culturais desse período são passíveis de comparação entre o Salmo 104 e o Hino a Aton. Voltando a época do Êxodo, afigura-se no texto o transladado dos restos mortais de José feitos justamente pelo profeta¹⁴.

Entretanto, não faz menção sobre qualquer autorização do faraó para que se dispusesse dos restos mortais e dos pertences no sepulcro. Apenas dos animais de sua propriedade. Logicamente alguém deveria ter violado túmulos e se apropriado de bens entendidos com propriedade dos egípcios, posto se encontrar em local sagrado para aquela religião praticada no período. Moisés foi criado entre os nobres e compartilhava os mesmos direitos a conhecer os segredos palacianos, direitos esses perdidos a partir do assassinato praticado contra o algoz do escravo hebreu. Evidentemente isso expunha sua condição de líder, porque a grande maioria escrava do povo hebreu observava privilégios questionáveis, na medida em que se igualavam enquanto pertencentes a uma mesma origem étnica, com o agravante desse ter praticado um crime contra o Faraó e sua gente.

Se a Moisés era permitido se apropriar do que pertencera aos ancestrais como um descendente de casta nobre egípcia, aos outros hebreus de origem escrava era negado pelo Estado e isto ia de encontro tanto as convicções religiosas hebraicas, cuja recomendação patriarcal era de dar sepultura em solo sagrado na religião, mas também e principalmente contra o direito financeiro do hereditário, visto que havia para estes uma tradição comercial, distinta dos fins religiosos aos quais fundamentalmente eram dadas as riquezas no Egito. Antes da partida os hebreus devem ter-se achado no direito de também dispor tanto dos restos mortais, como da riqueza guardada nas tumbas dos mais antigos ancestrais que desencadeou um efeito cascata na violação das tumbas. Daí o descontentamento e murmúrio de muitos deles contra Moisés que se viu às voltas com uma população desejosa de partir sob o dilema de deixar para trás bens de toda ordem, pois nem todos tiveram acesso aos túmulos de seus ancestrais:

*Não havia talvez sepulturas no Egito, e por isto nos tirastes de lá para morrermos no deserto?... Pois, melhor nos fora servir aos egípcios do que morrermos no deserto*¹⁵.

Afora o já citado espólio cobrado pelos hebreus aos egípcios que contribuiu para a ira do faraó, acesa fundamentalmente contra a subtração do que julgava propriedade de seu povo, incitando os soldados a promoverem a perseguição dos filhos de Israel, ao tempo em que os últimos, se apressavam em fugir. E na peregrinação empreendida pelo líder ao monte Sinai, desconfiados com sua demora em descer, e as ainda estranhas convicções religiosas (agora fundamentadas no monoteísmo), oferecerem oblações a

¹⁴ Êxodo, cap. 13, vers. 19.

¹⁵ Idem, cap. 14, vers. 11-12.

outros deuses, fruto de conquista econômica aos egípcios, que lhes serviriam para fusão do bezerro de ouro construído por Aarão, como parte das suas primícias.

As influências da religião praticada pelos egípcios se refletiram entre os grupos menos privilegiados aderindo ao culto de outras divindades, tendo como reação o emprego da força coercitiva de militares hebreus, acrescida das próprias leis que deveriam prevalecer sobre as antigas crenças e ações de revolta contra o culto a Iahweh. E desse embate surge outro fator de agregação que elevaria o poder dos militares ao nível de sacerdotes que encontra resistências em passagens de exortação ao desprendimento e leis de regulação desses privilégios no Deuteronômio¹⁶ e legado das crenças egípcias nas maldições e bênçãos¹⁷. Na tradição patriarcal dos setores sacerdotais hebreus, arraigou-se maior comprometimento e adesão ao monoteísmo, sobrevivendo à experiência no Egito e ajudou a firmar a consciência que deveriam guardar certos segredos (compactuados por militares e sacerdotes) para não sucumbirem pelo fanatismo e serem alvo do descrédito de alguns a lhes caçoarem de homiziar a divindade universal, por conta de terem sido submetidos como cativos por mais de uma vez, até a revolução cristã estabelecer ciência dos planos divinos.

¹⁶ Deuteronômio, Cap. 20-27.

¹⁷ Idem, Cap. 28.